

IDEAL

LITTERATURA—HUMORISMO

ANNO I

S. PAULO—NOVEMBRO DE 1911

NUM. 8

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno 4\$000
» semestre 2\$200
Numero avulso \$400

PARA O INTERIOR

Por anno 4\$000
» semestre 2\$400

Pagamento adiantado

Redacção: Rua 7 de Abril 77.
Tiragem 2.500 exemplares.
Toda pessoa que angariar 5 assignaturas, terá uma gratis.

Não se restituem os originaes, embora não publicados.

Só poderão collaborar os srs assignantes e as pessoas amigas.

Toda correspondencia affecta ao *Ideal*, deve ser dirigida á redacção.

O «Ideal» acha-se á venda n'esta Capital: —
Na rua Conceição 50, na rua 21 de Abril 328, e na rua Barão de Iguape 27.

DIRECTORIA

Director — Saint-Clair dos Santos Fagundes.

1.º secretario — José Querido Sobrinho.
2.º secretario — Moacyr de Cerqueira Cintra.

Gerente — Lauro Gonçalves Theodoro.
Redactores — Alcino Queiroz e Mathias C. Cintra.

Auxiliar — Coriolano de Almeida Junior.

15 de Novembro

... Dos que vinham chegando, era a febre, era o clamor, era o encanto...

Ahi estão os vclumes, que se escreveram, por essa época, prosa e verso, ohi! Proclamam todos a mesma Crença, a mesma Loucura, o mesmo Ideal! De norte a sul do Brazil, na imprensa, na tribuna, a *Ideia Nova* cresceu, espalhou-se com o terror de uma cauda phantastica de cometa...

Ouviram-se os rugidos de leão de Silva Jardim e o cá trá de guerra das Academias O artigo diplomatico de Quintino Bocayuva era lido com soffreguidão nos quartéis; a energia de Aristides Lobo fazia raiva; dava impetus de morrer, abraçando-se a elle o nome de Saldanha Marinho, Bandeira que derrotava imperios, Espada de Roland.

Por cima de todos nós, passava uma atmosphera d'Etna.

E uns por theorias, outros, por tedio e cansaços do antigo regimen, todos impellidos por uma onda violenta de energias poderosas, anciavamos pelo *Novo*, que foi, é, e será sempre o melhor!... Era preciso, pois, que o throno de Bragança ruisse de chofre! Era preciso que não subisse ao throno o principe dos cortiços!

Como foi bella de ouvir então a palavra republicana, que, por um instante, vibrou a suprema nota de clarim nesse campo de batalha, que era o Imperio!

Não vos recordaes?

A multidão queria o enthusiasmo! Eil-o! Exemplos de coragem? Os propagandistas foram exemplos notaveis!

Nenhum momento de treguas! A mesma hora, a cada instante, no Paiz inteiro, a lucta d'um era a lucta de todos pelo *Dezeto* unico, que não dormia pulsando—

Amare... amare agnosco

A lei fatal do amor, essa lei mysteriosa
Que zomba da razão, que vence o preconceito,
Offertou-me, Cealide, esta purpurea rosa,
E os espinhos crueis, crävaram-se em meu peito.

Debalde procurei o manancial sublime
D'esse amor que separa as rosas dos espinhos,
Debalde procurei... o amor que n'alma imprime
Um sorriso de paz, venturas e carinhos...

Scisme! Sorri por fim que o pensamento humano
Pretenda esmerilhar tal lei — desconhecida:
Utopia sem par, verdade ou puro engano,
Aonde inexistente o amor, ha inercia, não ha vida.

Uns, mais felizes são!... Passam cantarolando
Doces hymnos de amor, pela estrada de arminhos:
Outros que menos são... tambem passam cantando,
Apezar de sentir, latentes, mil espinhos.

S. Paulo, 13 de Outubro de 1911.

S. C.

tic-tic—como um coração—segundo por segundo, minuto por minuto, hora por horas, dia e noite, inexoravel, durante anno e annos!

Oh! era tal o ardor dos que se batiam, que não sentiam peso d'opressão, não olhavam distancias e não ouviam chufas d'inimigo.

I.m-se, como heróes, a dous de fundo cegos e illuminados, por entre a multidão.

... E assim foi até que Benjamim Constant, esse tão raro ser mysterioso, cujo prestigio, todo d'essencias, resplandecia como um astro velado, mas que nunca tinha vindo cá fora senão atravez d'um tom admirativo, e d'uma formula mathematica, vivendo na torre de marfim da pura abstracção, partiu de casa, numa manhã de novas, a galope, como um cavalleiro, espada no ar... Os discipulos seguiram-no marche-marche... Um general de bronze deixou-se arrastar na corrente desse enthusiasmo doudo... E dos labios frementes do Exercito Brasileiro partiu o grito de fogo:—*Viva a Republica!*

EMILIO P.

Um projecto do Imperador

...Em Cannes, mezes após a morte da imperatriz.

Sózinho, no quarto do hotel, o Imperador lê, sentado juncto a larga mesa atulhada de livros e jornaes.

Traja rigoroso luto, que lhe accentúa a pallidez das faces e a alvura das cans. Batem á porta; entra o conde de Motta Maia:

—Senhor, uma boa noticia do Brasil...

—Boa noticia do Brasil? Diga depressa, acóde D. Pedro II, alvoroçado, depondo o volume cuja leitura o absorvia.

Recebi uma ordem, mediante a qual será entregue a vossa magestade certa quantia! E' a primeira que de lá vem, e chega muito a proposito.

—Bem bom... bem bom... exclamou o imperador.—Já recebeu?

—ainda não.

—Pois tracte de receber sem demora. Ande

Não podes o conde de Motta Maia dissimular a estranheza que lhe causava aquelle regosijo do imperador deante do proximo recebimento do dinheiro, — elle tão abnegado, tão cavalheiro, tão alheio a questões pecuniaras.

D. Pedro II, durante o seu longo reinado, nunca trouxera na algibeira somma alguma; jamais pegara numa moeda ou numa nota, como que o dinheiro lhe produzia invencivel repugnancia. Ter-lhehiã o exilio e as desgraças alterado o nobre character?! O imperador percebeu a surpresa do conde, pois explicou:

—Disse — bem bom, — porque posso, com essa quantia, despachar isto... A demora já me affligia.

E, abrindo a gaveta da mesa, tirou vultuoso maço de papeis dobrados e escriptos em forma de requerimentos. Eram pedidos de esmolas, auxilios, de subvenções, semelhantes aos que profusamente elle costumava acceitar outr'ora em S. Christovam, quando no supremo governo do Brazil.

Acto continuo, tomando um lapis' sua magestade, depois de percorrer rapidamente as petições poz-se a despachal-as. No alto de uma, escrevia — 100 francos; no de outra — 200; no de terceira — 500; e assim por diante, confôrme o merecimento do pedinte.

A' proporção que despachava, passava os requerimentos ao conde Motta Maia, com um gesto d'este conhecido e que significava deverem ser immediatamente satisfeitas as dadas designadas.

O conde tomava os papeis em silencio, mas sorrindo tristemente. Quando o imperador acabou, empunhou, por seu turno, um lapis, e á margem de um jornal, allinou e sommou os algarismos traçados nos requerimentos;

—Sabe vossa magestade quanto mandou dar?

— Pouca cousa.

— Cinco mil e trszentos francos.

— E então?

— A ordem do Brasil produzirá apenas quatro mil.

— Comprehendo Devolva-me os papeis. Rectificarei os numeros de, maneira que chegue.

O conde abanou repetidamente a cabeça.

—Que ha? — indagou o imperador.

—E' que vossa magestade parece ex-quecido das condições que nos achamos.

—Como assim?

—Vossa magestade não se recorda de que estamos quasi sem recursos devendo ao hotel, estrangidos a effectuar largas economias...

—Já sei... já sei... mas ignorava que não pudesse attender a alguns pobres que me estendem a mão.

—Não póde, meu senhor, não póde, — perdôe me que lh'o declaro com franqueza Vossa Magestade está obrigado a cohibirse nas esmolas. Nossa situação não é favoravel, é má.. Ha de melhorar, acredicto; mas, por ora, cumpre-nos cortar todas as despesas não imprescindiveis. O dinheiro do Brasil amortizará apenas a conta do hotel...

O imperador levantou-se lentamente, os braços cruzados, os olhos azues muito abertos e fixos, começou a passear pelo aposento O seu porte imponente, a sua longa barba branca, o seu ar pensativo tornavam lhe augustíssimo o venerando aspecto.

De repente, parando em face do conde:

—Sabe que mais, sr. Motta Maia? Nutro, de ha muito, um bello projecto e julgo azado o momento para o realizar.

—Serei indiscreto perguntando que projecto é, meu senhor?

—Ouça. Estou resolvido a imitar o exemplo de um imperador como eu, de Carlos V. Entrarei para um convento e ahi passarei os poucos dias que me restam...um convento que possua uma boa livraria... Que mais me é dado ambicionar?!

—Oh! senhor...

—Só uma circumstancia me tolhe...

—Perdôe vossa magestade. interrompeu o conde — mas...

—Só uma circumstancia me tolhe, proseguiu D. Pedro II. Estou velho, enfermo, habituado aos cuidados constantes do meu medico, que me conhece e no qual tenho confiança. Nos conventos não ha medicos.

—Quanto a isso, não, meu senhor! — atalhou vivamente Motta Maia.

Acompanharei vossa magestade, seja aonde fór.

O imperador segurou a mão do seu medico e apertou-a.

—Estou certo d'isso, — disse gravemente. Mas não tenho o direito de lhe impôr tamanho sacrificio...

Basta os que já tem feito...

E, ordenou silencio com um aceno imperioso, recomeçou a passear pelo aposento, os olhos vagos, os braços sobre o peito.

Por fim, soltou um suspiro, sentou-se retomou o livro.

Vá..vá..sr Motta Maia. Receba o dinheiro. Salde as nossas contas. E si, por acaso, sobrar alguma cousa, execute sempre os despachos possiveis... Ora... seja homem... não me tire as forças... não me entristeça...

O conde Motta Maia chorava!

AFFONSO CELSO.

Eneida-Lusiadas

Entre os variadissimos ramos em que a litteratura se divide, nenhum em nosso sentir, mais profundamente que o genero epico, é capaz de demonstrar as sublimes fulgurações de um engenho, e a indole caracteristica de um povo. E assim quer nos parecer, pois quando corremos os olhos sobre as diversas litteraturas — desde os classicos tempos greco-romanos até nossos dias — são, em geral, os poetas epicos os elevados picos que primeiro nos ferem a vista.

Lembramo nos das litteraturas grega, latina, italiana, portugueza e ingleza? Logo nos occupam a mente Homero, Virgilio, o Dante e o Tasso, Camões e John Milton, antes do Sophocles ou Demosthenes, Cicero ou Terencio, Alfieri ou Manzoni, Vieira ou Herculano, Shakespeare ou mesmo Byron poderem se nos antolhar.

Dizemos, porém, em geral, em geral, porquanto o unico povo productor de poema epico — o allemão com Klopstock — cremos fugir á nossa regra.

De feito, a Allemanha não é a «terra de Klopstock», mas a de Goethe e Schiller.. E a França? Infelizmente os francezes «não teem cabeça epica». E, em que lhes pezo, não podem, diz a maioria dos criticos, a «Henriade», e «La Légende des Siècles» entrar no adyto d's oito grandes pbemas epicos.

A Grecia é e será eternamente a patria da divina *Iliada*, da sublime *Odyssea*.

Roma — a immortal pela força e pelo direito — podia se apresentar aos povos com o Mantuano, que lhe traçara o programma de conquista: «..... Romano..... tibi..... Parcere subjectis et debellare superbos!»

Grandioso programma, o mesmo do Povo Romano dos tempos novos — o Lusitano, cujo Camões foi o cantor..

São os *Lusiadas*, das modernas epopeas, a que tem mais pontos de contacto com a obra do Latino.

O objecto deste artigo é um estudo comparativo entre ambos.

Caracteres ha convenientes á *Eneida* e aos *Lusiadas* ao mesmo tempo, outros, só a um.

Fazendo parte d'aquelles, percebemos desde logo a nota do patriotismo: Virgilio vai buscar para Roma uma origem remotissima e divina; Eneas será seu tronco primeiro;

«Arma virumque cano... qui primus.. Italiam..... Laviniaque venit Littora (I, 1 3).

Para um povo guerreiro e juridicamente inequalavel, não bastava pesquisar as tribus originaes, as primitivas aglomerações d'onde recebeu o ser; será mister que um descendente dos Superos

«..... conderet urbem, Inferretque deos Latino, unde..... altae mania Romæ» (Id. 5 7).

O filho de Anchises e Venus, realisa plenamente esta condição.

Com o andar dos tempos, formar-se-ia a gente Romana

«..... Tyrias olim quæ verteret arcus»; o «..... populum late regem bello que superbum». (Id. 20 21).

Anchises desvendá á Eneas a «..... Dardanium prolem quæ deinde sequatur»

Gloria, qui maneat Itala de gentes nepotes.

Illustres animas nostrumque in nomen lituras». (VI, 75659).

Lê-se o final do canto VI, e verificar-se-á largamente assentar o poema sobre as rodas do amor da patria e dos Penates.

No ultimo canto, Eneas triumpho, não obstante todo o valor de Turno; sua é Lavinia e Roma nasceu:

«..... vicisti, et victum tendere palmas Ausonii videre; tua est Lavinia conjux». (XII 934 35).

Tudo denuncia o futuro poder de Roma. Houve mesmo quem quizesse substituir ao titulo «Eneida» o «Altos Feitos do Povo Romano».

E o Camões? Não nos annuncia, logo no exordio, que ha de cantar «... aquelles que por obras valerosas.

Se vão da lei da morte libertando?»

Não ordena categoricamente:

«Cesse tudo o que a musa antiga canta, Que outro valor mais alto se alevanta?»

o valor dos seus Lusitanos tão ousados e emprehendedores, que por toda parte estenderam seu dominio?

Não apregoa a immensidade do imperio portuguez, alargado pela conquista e pelo poder, quanto invoca:

«Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio. O sol logo em nascendo vê primeiro;

Vê-o tambem no meio do hemisferio, E quando desce o deixa derradeiro.»?

A magnanimidade da Gente Lusa não se cança de louvar:

«E julgareis qual he mais excellente, Se ser do mundo Rei, se de tal gente». Potentissimo é o Rei de Portugal, pois só

[em o vê

«.....o barbaro Gentio Mostra o pescoço ao jugo já inclinado».

Em Melinde, o Governador entusiasticamente pergunta:

«Que quem ha, que por fama não conheço As obras Portuguezas singulares?» (II, 91)

E o Gama, accedendo ao convite do rei africano, que lhe fizera, contasse a historia da sua patria, nem por isso sente-se perturbado, e lhe responde:

«Não me mandas contar extranha historia, Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.» (III, 3)

Entretanto, ao passo que o Capitão, ardente patriota, tecendo aos seus os mais calorosos encomios, principia a narração da historia da Patria amada, sente se opprimido pela vastidão da materia superior ás suas forças.

«Porque de feitos taes por mais que diga, Mais me ha de ficar inda por dizer» (III, 5)

E na verdade; seus patricios, os Argonautas da moderna idade, commetteram factos dos mais assombrosos registrados pelos annaes da navegação.

Em todas as paragens as luzas quinas apontaram; e, si do que as terras descobertas

«mais mundo houvera, la chegára»

Não se torna preciso ir alem; os poucos trechos apontados provam sufficientemente os «Lusiadas» nada mais serem que a relação dos «Altos Feitos do Povo Portuguez» pela musa insuperavel do Camões.

Vê se, portanto, como, em grande parte, é o patriotismo o inspirador das duas magestosas epopeas, é um laço commum que a ambas abrange. E não é o unico. Outra qualidade ha, d'ellas não menos peculiar; é o brilho estylistico.

Quereis vos convencer?

Abri, a esmo, a Eneida e vos garantimos lereis um estylo admiravel, encantador! Encantador não só no gracioso da phrase, na simplicidade e melodia do dizer, como tambem nas harmonias imitativas, surgindo a cada passo, e que Virgilio, mais que nenhum outro, sabe excellentemente forjar.

Homero é genial na concepção de seus poemas, porem a linguagem por elle empregada não tem, está longe de ter o melfluo do Mantuano. Pelo contrario, ferem os ouvidos aquelles frequentes hiatus resultantes das vogaes, raramente contrahidas.

E, uma vez referencia feita á Homero emprestemos-lhe um verso, que optimamente se adapta a seu imitador.

E' aquillo dito de Nestor:

Tu cái apé glossos melitos glukion ree naude». (A. 249).

de seus labios jorrava a voz mais doce que o mel. Dir-se-ia o Grego prophetisando o Latino.

Mas, apressemo-nos em indicar ao menos (vista a escassez do espaço não nos permitir cital-as textualmente) algumas passagens da Eneida, corroborando o nosso asserto. Extasiar-vos ei logo no canto I (80-155) com a sublime descrição da tempestade e a interverção de Neptuno: de um effeito maravilhoso. Oh! pudesse aqui analysar esta passagem... Mais? O episodio de Laocoonte

(II, 199 226); todo o canto IV, onde, sob harmoniosissimo estylo, Virgilio se mostra profundo conhecedor do coração feminino. De muita actualidade o verso 569:

«..... varium et mutabile semper Fe-

[mina]minas] Apprecia o canto VI, onde sob divina scintillação estylistica, é narrada a descida de Eneas ao Tartaro e aos Campos Elysios.

Lêde... lêde... que ainda? Lêde a... Eneida. E' tal a perplexidade do meu espirito, ante a obra magnifica do Poeta, que as forças me faltam para lhe destacar as innumeradas e seductoras bellezas. E' a dubiedade do viandante embrenhado num labyrintho, que não sabe como delle sahir, pois todas as passagens e levam a novos e mais emmaranhados compartimentos... Tudo em Virgilio é amostra de genial intelligencia creadora.

E o Lusitano? Oh! um sem numero do joias se encontram esparsas pelas «Lusiadas».

Procuraes a harmonia imitativa?

«..... ledo amante

O touro busca e.....

Salta, corre, sibila, acena, e brada:

Mas o animal atroce.....

Bramando duro corre e os olhos cerra, Derriba, fere e mata e põe por terra»

(I, 88)

E pouco adiante:

«Frido o ar retumba e assovia»

Escutae ainda essa artistica estrope do canto IV, que não posso deixar de transcrever para aqui:

«já pelo espesso ar es estridentes Farpões, settas, e varios tiros voam:

Debaixo dos pés duros dos ardentes Cavallos treme a terra, es valles soam:

Espedaçam se as lanças; e os frequentes Quedas co'as duras armas tudo atroam:

Rec essem os imigos sobre a pouca Gente do fero Nuno, que os apouca».

(IV, 31)

Superior onomatopoea não imaginaria Virgilio.

Alfim, dos outros muitissimos exemplos omitidos pela exiguidade do espaço, não deixeis o sempre decantado episodio de Adamastor; ahi, a par da allegoria inspiradissima, se ostenta forma arrebatadora..

E agora, quaes as conclusões d'este pequeno estudo comparativo entre os dois epicos?

Cremos serem logicas as seguintes:

1) Ambos, Virgilio e Camões, foram beber a largos, tragos, na fonte do patriotismo, alento para suas alevantadas emprezas.

Si Virgilio, no auge do entusiasmo, procura um da estirpe divina para estabelecer os alcercos da—Magna Urbs—o n'sso Vate, não menos eximio patriota, auxiliado pela Sacra Caliope, segunda vez immortaliza o embora territorialmente pe-

queno Portugal, já uma vez immortalizado pelo grandioso periplo de Vasco da Gama.

2) Ambos, Virgilio e Camões, sobresaem pelo brilho estylistico com que desempenharam suas arduas tarefas.

Entretanto, não se vá concluir quere-mos, sob o ponto de vista da forma, equiparar á Eneida os Lusiadas.

Oh não! Embora tersa linguagem os caracterise, não nos resta a menor duvida da superioridade, na maneira do dizer, daquella sobre estes.

Contentamo-nos com assignalar apenas este facto, aliás assumpto para dilatado desenvolvimento.

São Paulo, 1909.

ALEXANDRE CORRÊA.

Continúa.

QUADRAS

A' SENHORA.

A' um vaso de liquido mal cheiro,
Mão gentil, com jazmins, acaso adorna;
Se do vaso era sem aroma o seio,
Hoje a fragancia mais suave entorna.

Meu coração assim como esse vaso,
Depois que aspirou tua meiga fala,
Não sei.. seja talvez um mero acaso,
Perfume tem, e só perfume exhala.

H. SOUTTO MAYOR.

B. Horizonte, 4—10—911.

Vizões

A' Lucila

A tarde quando Phebo empallideco e a noite sobre a terra o manto negro atrai, eu vou sonhar, nos bosques memorosos com que deleitou o meu feliz passado.

Tudo é saudades.. já não vejo a estrellas que goulou, no meu passado, as minhas esperanças nem a Lua que brilhou quando o amôr floreceu neste coração—hoje dilacerado,

Tudo é saudades.. os passaros não cantam, as tardes de felicidade já vão longe e as desgraças aos poucos vão se aproximando..!

As vezes vejo ao longe, nas nuvens que se vão, o sorriso d'uma auróra que só me traz saudades dos tempos que amei Lucila, a diva dos meus amores.

Então tudo era alegre, tudo me sorria; o regato, a flor e as estrellas que do céu brilhavam derramando amores..!

Hoje, quando a tarde cae, vejo a meu pé, em sonho, a diva que tanto amei e que cerrando a nacarada palpebra, no mundo me deixou desiludido.

Passeamos juntos, á luz das estrellas lembrando o nosso feliz passado e ella me diz: não sou mais a tua Lucila nem a diva que tanto amastes, sou a tua eterna companheira, nasci do teu amôr que findou e chamo-n e Saudades!..

São Paulo 12—10—911.

P. T. Cramer.

Pedimos ao snr. P. T. Cramer que se dê a conhecer, para que possamos continuar a publicar os seus trabalhos com o pseudonymo que preferer.

Choribel do "Ideal"

Fazem annos:

— no dia 7, a senhorita Florentina Mot-ta, quartannista da escola complementar.

— no dia 9, a exma snra. D. Ignacia da Cruz Azevedo Marques, nossa distinctissima assignante.

— no dia 11, a Exma. Snra. D. Sylvia Cezar Borges.

— no dia 17, o snr. José Bernardino de Araujo Cintra.

— no dia 20, a senhorita Marcia de Corqueira Cintra, alumna do Externato Mmo. Ivancko e nossa distincta assignante.

— no dia 28, a professora Izaura Fon-ceca, nossa assignante e residente em Rio-Claro.

— no dia 30, o Dr. Jurandyr Alves Camara.

— no mesmo dia o snr. Otello Sartini, irmão do snr. Adagamos Sartini, nosso dignissimo agente em Itapira.

Aos anniversariantes, os nossos mais sinceros votos de completa felicidade.

Gymnasio de N. S. do Carmo

Realisa-se nos ultimos dias de Novembro, a festa do encerramento das aulas deste Gymnasio.

Aos alumnos que terminarem o curso, serão conferidos certificados e particularmente, aos quinto-annistas de 1910, serão dados diplomas de bachareis pelo Gymnasio de N. S. do Carmo.

Será paranymphe, no acto solemne, o Rev. Conego, Dr. Manfredo Leite.

Aos Senhores Bachareis, o «Ideal» envia felicitações.

Que é amar

Não sei si amar é desgraça
Ou si é... felicidade;
Pois eu sei que tudo passa,
Chorando amarga saudade.

Amar, ser mendigo e santo,
Chorar a rir—rir chorando...
Gozar na dôr—por encanto
Andar tristezas beijando.

Amar! Verbo azul de amor,
Gravado em céu de setim...
Amar! Terna e linda flor
E' ter n'alma um cherubim.

Amar! Oh meu doce amor!
Martyrio de apaixonado,
Sonho azul de encanto e dôr.
E' ser feliz—desgraçado.

LAURINDO A. DE BRITO.

S. Paulo.

TRISTES...

—Os tristes.. Ora, quem são os tristes?... Uns fracos, uns pusillanimes, em summa, uns entes dotados de imaginação doentia, de animo debilitado e que mal resistem aos embates da existencia.. Uns miseros emfim.

—Pois então é assim que pensas Lola? Crês que não existe para esses entes nem a fortaleza do espirito, nem animo? E não pensas que o cumulo das desventuras, bem pôde transfundir nas almas, o principio de uma tristeza que não exclua a virtude, sem que nem por isso sejam ellas miseros ou pusillanimes?

—Sim, mas esses tristes são quasi sempre entes que falseam em sua solemne vocação de creaturas humanas; ou são reprobos, ou não passam de tolos phantasistas, que buscam illudir a si próprios, enchendo se de um pessimismo todo imaginario, unicamente para divergir do commum dos homens... E pelo que vejo, pretendes defendel-os!

—Sim defendel-os-hei; e porque não? Imaginas então que a consciencia desses entes que trazem no semblante, o reflexo de um acervo de amarguras, não pôde ser tranquilla e pura mesmo?

—Sim, talvez..

—E que dirias pois si eu te dissesse que a tristeza pôde até ser o indicio de um nobre coração, a prova da superioridade de um character assim como da força e do heroismo de uma alma!.. Dize-me Lóla; porventura pôde a tristeza excluir, ou repellar a virtude?

—Ora, que nos importa isso tudo! O que te digo é que não posso comprehender que haja um estado razoavel e justo, em que a creatura parece até querer privar-se das alegrias licitas d'esta vida e

se ponha ridiculamente a traduzir por amáras demenções, cousas de almo encanto, jubilos, que nós outros, filhos de Eva, sentimos, admiramos e expressamos francamente. Si são victimas da sorte conformem-se com ella e si podem ser virtuosos façam uso da resignação que tambem é uma virtude...

—E's engenhosa e és feliz! Deu te Deus uma alma excepcionalmente... ingenua, direi mesmo, credula, entretanto, exalá não te vejas um dia na emergencia de mudar de opinião, minha am'guinha! Oh, nem te lembras que basta as vezes uma gottasinha de fé, para transformar todos os nectares que transbordam da taça das delicias da vida intensa... mas incompleta. E nem te lembras que a resignação tão suave e tão santa, si reanima o coração, si alenta a alma humana, não restitue o objecto pranteado, nem apaga da memoria, os traços indeleveis de desventuras que teriam sido desgraças, si o sopro religioso não alentasse o ente humano, fazendo de sua alma—rochedo contra o qual se vêm desfazer as ondas sempre agitadas do oceano das provações.

—Sim; mas, que diz isso tudo? Estiveste a ler alguma pagina de Chateaubriand?...

—Diz muito Lóla, diz muito Bem vejo que és ainda mais inexperiente do que eu. Tua vida corre ainda, entre rosas, benções e santas alegrias... e entretanto quantas vezes não divisei um reflexo de melancholia, quem sabe si de tristeza mesmo, esbatido em teu semblante!

Sim, aguarda pelas tuas primeiras desillusões, e dir-me-has um dia, si ser triste é ser fraco, pusillanimo ou tolo phantasia, ainda que vás viver no solidão, ou no recolhimento. Lembra te de que, nós, pobres filhos de Eva, somos exilados n'esta vida:—a terra é a patria do exilio—e pensa então, que esse calido ambiente das desventuras é como a brisa misteriosa e tepida que perpassando pelos rosas floridos, leva consigo todo o aroma das rosas, que é o balsamo das nossas maguas, e apenas nos deixa petalinas que lentamente emmurchecem... e espinhos que avivarão sempre as chagas do coração humano, n'esta tragedia da existencia, solemne e necessaria, para nós que sentimos, pensamos e amamos... Disse o poeta: «Qu'il nous faut du malheur recevoir le baptême, Et qu'à ce triste prix tout doit être acheté.»

—Sim, bem sei; mas enfim, nada me tolhe de afirmar, que ainda se me depara quasi impossivel, conceber creaturas quasi sempre taciturnas, como naufragos, de mil foscobros, perseguidos, dir-se hia por atrcz remorso.

—Pois consideras bem de leve a questão; e de facto não poderias fazel o differentemente. Os tristes, Lóla, não são o que tu pensas, não! São naufragos que perderam as illusões terrenas, mas vivem de realidade.

E tu sabes que só as illusões são bellas, sorridentes e sublimes e que a realidade, quando não é triste ou acerrima, é agridoce apenas. A propria gloria, parece não satisfazer as aspirações do heróe, n'esta vida! Si esses tristes não possuíssem virtudes, o heroismo da coragem, teriam talvez desesperado, um dia. Que hajam creaturas affeitas as alegrias, mesmo quando ha motivo para tristeza, póde ser: ou são de facto mui felizes, ou são entes que vivem para o mundo, illudindo-se, embriagando-se nos prazeres para não sentir o féi do calix das tristezas da vida. Não confundas os tristes com os stoicos; elles não são como Werther, nem como Manfredo, nem como os personagens do Lord Byron.

Estes, são tristes que olham para a terra e succumbem—aquelles de que te fallo são os que olham para o céu, e porque soffrem, têm sede do infinito, não cedem, nem baixam a cerviz ao desespero, mas são francos, pois que não procuram dissimular o bafejo de tristeza que lhes

vae no imo e cheios de santa resignação, si fogem algumas vezes do mundo e dos homens, é porque nem aquelle nem estes podem minorar-lhes as maguas, que serão um dia, quem sabe, as mais bellas rosas sem espinhos de uma corôa de glorias.

O mundo, Lóla, é feito de risos e lagrimas... mas, quando se tem levado uma vida, toda de risos e alegrias, difficilmente poder-se ha supportar sem desespero os golpes de uma ou outra desventura, «que desfolha nos páramos do exilio,

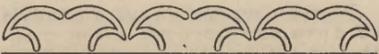
As rozas da esperança,
Borrifadas de lagrimas de amor...
Pensa pois o que podem ser os tristes, e não lhes faça injustiça. Applauda, si te apraz, a voz do prazer inaudito, mas não desdenhes do surdo lamento da desventura, porque enfim, tu tambem vives no exilio e a vida do exilio, é feita de risos e lagrimas... e muito embora a senda da existencia seja atapetada de rosas, essas rosas terão sempre alguns espinhos...

Les moissons pour mourir
ont besoin de rosée;
Pour vivre et pour sentir,
l'homme a besoin de pleurs...
Enfim lembra te sempre que existem duas especies, de tristezas: uma, inspira-se na Caridade—que é o Amor—e traduz se pela Resignação: a outra é filha do Scepticismo que leva ao desespero e traduz se pelo remorso.

Com a primeira, o homem ergue os olhos para o Céu; com a segunda, arreja-se no lodo da terra. Na primeira, ha Esperança; na segunda, só existe odio e desespero.

S. Paulo, 13—10—911

SAINT-CLAIR S. FAGUNDES.



ELLAS

A' Ellas

São duas pequenas,
Esbeltas phalenas,
Nas noites amenas
De um céu todo azul,
Vagando ligeiras,
A's brisas fagueiras,
Por entre as roseiras
Dos prados do Sul.

São duas boninas,
Que crescem, divinas,
Nas densas campinas
Aos raios do sól;
Que vivem d'orvalho,
Qual flor de cerralho
Pendida no galho
Saudando o arreból.

São duas airósas
Violetas mimósas,
Cercadas de rósas
De aroma subtil;
Casal de pombinhos
Fazendo seus ninhos
De verdes raminhos
Nas tardes de Abril.

Gentis beija-floras
De fúlgidas cores,
Sentindo os odores;
Vivendo de mel;
Pairando nos ares,
Por sob os palmares,
Qual, léve, nos mares
Deslisa o batél.

São duas donzellas
Que, meigas, singellas,
Semelham-se ás bellas
Imagens no altar;
Seus olhos tão lindos
São raios infindos,
Celestes, bem vindos,
De um doce luar.

JOINVILLE SEABRA

Paulicéa, 10—10—911.



Triste Pae!

Antes que Apollo psalmodiasse a primeira estrophe do cantico do dia, de uma pobre choupana, situada em vasto campo, sahiram um ancião, com o corpo curvado sobre um bastão, acompanhando um menino, seu filho, unico arrimo de seus velhos dias.

Em demanda do trabalho partiu o filho.

Eis que uma hora de rota passou e que começou o despontar do dia.

Principiaram a sahir de seus ninhos as bellas e cantoras aves, a procura de alimento para seus tenros filhos.

As flores, entreabrindo seus calices, deixavam deslizar pelas lindas petalinas, as ultimas gottas de arvalho que iam-se confundir com a solo.

Dir-se-hia que a natureza começou a fruir alegria pelo dia que raiando vinha.

Caminhando pois, com passos lentos iam o pae e seu pobre filho.

Depois de terem atravessado a custo diversos kilometros, disse o pae ao filho:—meu filho andemos mais depressa, o dia desponta e a hora do trabalho chega.

—Como poderei eu andar mais apressado, se não podes me acompanhar!

Posso filho, e mesmo que não possa, farei o possivel, pois por ti nada pouparei.

Mesmo assim o filho não atendeu o pae, e por ver que elle não aguentava, no mesmo passo continuou.

De subito o sino da capella agreste bateu 5 horas e meia. Exclama o pae:—Oh! meu filho; vaes chegar atrazado ao trabalho, ainda falta meia legua e só temos meia hora!...

—Que fazer?

—Andar mais depressa, respondeu o pae.

—Como queres andar mais depressa, se com passos lentos custa a caminhar!

—Não meu filho, posso.

Para que não mais o aborressece, o filho apressa-se, porem ja tambem um pouco triste; e o pae tropeçando aqui, alli, acolá, a custo ia.

Cada vez mais no semblante do filho transparecia a agonia dilacerante.

De subito este para e como por ver seu pae soffrer, teve uma forte perturbação cerebral, e cerrando os olhos, cahiu sobre um toco de arvore que no momento elle passava, ao mesmo tempo que de seus rubros labios sairam estas palavras: meu Deus, meu pae, eu morro.

E o pae vendo ante si este espectáculo horrivel, (sua completa desgraça) soltou um grito, e lançando-se sobre o filho moribundo, collocou na frente deste, o ultimo beijo, que exprimiu o amor, a sinceridade e a dor.

LAURO THEODORO.

A Bandeira

A bandeira de um paiz é o sacro-santo symbolo da honra e do amor patrio de seus filhos; ao mesmo tempo que symbolisa a Patria, recorda-nos os factos mais importantes da nossa historia. Nunca devemos consentir que

ella seja ultrajada e onde quer que estejamos devemos defendel-a.

Oh! quão vergonhoso não seria para nós, si deixassemos em mãos inimigas como tropheu, só para salvarmos a nossa vida! E quão bello e honroso não seria morrer defendendo heroicamente o pendão da nossa patria offendida!...

Para que a nossa bandeira seja respeitada, é preciso que tambem respeitemos a dos outros, pois devemos nos lembrar que tambem elles são possuidores dos mesmos sentimentos patrioticos.

Por decreto de 19 de Novembro de 1889, isto quatro dias depois da republica, foi, pelo governo provisório, instituida a bandeira actual que symbolisa a Republica Brasileira.

Conservaram-se as mesmas cores da bandeira imperial.

Supprimiram-se a coroa com o escudo de armas e os ramos de café e fumo substituindo este todo por uma esphera azul, representando o nosso hemispherio quando o cruseiro passa no meridiano.

Esta esphera é cortada por uma faixa branca onde se lê o lemma «Ordem e Progresso»; as cores verdes e amarellas são consideradas nacionaes e symbolisam as nossas riquezas, a primeira, a nossa exuberante flora, a segunda os nossos mineraes. Em seu conjunto temos a recordação perfeita da bandeira imperial, que triumphante percorreu as campinas do Paraguay, testemunhando feitos heroicos de Caxias, Osorio, Barroso e outros filhos da Terra Brasileira. O cruseiro assim collocado, lembra-nos o Brasil reino que tinha como armas uma esphera armilar e uma cruz de Malta; o azul lembra-nos o heroico povo portuguez, de cujo sangue surgiu a nação Brasileira; o lemma «Ordem e Progresso» exprime a mais ardente aspiração do povo Brasileiro, de unidos em um unico pensamento, sem distincção de idéas partidarias, conseguir o progresso, a mais nobre aspiração de um povo patriota, pois é o progresso o caminho do apogêo da gloria!

Novembro de 1911.

ALMEIDA JUNIOR.

A' beira de um tumulo

A' meu estremecido pae

12 horas da noite...

N'uma aldeiasinha tudo é silencio. A essa hora apenas Diana desprende seus pallidos raios sobre a terra; e ao longe favorecidos pela claridade do luar, podemos ver que um vulto, embuçado em uma capa hespanhola, caminha a passos vascillantes, ora parando como á certificar-se si é acompanhado, ora correndo apressado! Esse vulto, cuja physionomia não nos é dada á conhecer em vista de seu chapéu de longas abas, a isso obstar parece no entanto dominado, por uma idéa fixa. De vez em quando leva uma das mãos ao peito e pronuncia: «Ah! Cleophas!» Depois como si este nome o suggestionasse, corria... Eil-o que toma a estrada que vae, ter ao cemiterio! Sigmol-o sem sermos vistos, pois que as vegetações que cercam a estrada facilmente nos poderão proteger:

Eil-o que pára ao pé do muro que abriga o campo-santo; volta-se e tendo a certeza que só a lua e Deus são testemunhas, abre a sua capa, pronuncia ainda uma vez «Cleophas!» e em seguida galga com incrível rapidez o muro, e acha-se do lado opposto

Que quererá esse vulto, que á horas caladas da noite, vem violar a mansão dos mortos? Não o sabemos; elle parece dominado pelo amor: pois seus labios pronunciam um nome de mulher:

Cleophas!... quem será Cleophas que o fez tão arrojado e intrepido, a ponto de vir profanar a alta hora da noite, o lugar onde repousa os restos de quem já não vive? Dominado pelo amor elle assim procedeu, e nós dominados pela curiosidade, sejamos indiscretos e acompanhemol-o. Estamos no cemitério; ahi tudo é triste; ricos mausoléos de finissimo marmore Carrara, campas, cyprestes, flores, muitas flores, eis tudo que adorna essa ultima habitação.

E o vulto caminha.. parou em uma campá, tirou d'entre a capa, duas brancas rosas, susteve as entre as mãos, depois descobrindo-se, tirou a capa. A pallida luz da lua, batendo em seu rosto, nos dará a sua photographia: era um bello mancebo de estatura mediana trajava decentemente; rosto claro, olhos castanhos e melancolicos o que provava o seu sofrimento, cabellos pretos e lisos, um nariz bem formado, e para completar tanta sympathia que infundia todo seu porto magestoso, possuía uma bocca pequenina e uns labios corallinos, proprios para os anjos osculal-os. O mancebo depois de contemplar languidamente a lage que encobria os restos de um bem amado: ajoelhou-se, beijou repetidas vezes o branco marmore, desfolhou as rosas sobre o tumulo como si fosse pedaços de sua alma oppressa e seus labios entreabriam-se pronunciandó estas palavras:

«Cleophas! esposa amada! tão cedo te foste para paragens ignotas, tão cedo aqui vieste dormir!... deixaste o esposo que tanto te adora... A nossa casinha tão alegre cut'ora, vive hoje sepultada na mais funda tristeza... os passarinhos que tu tanto amavas, já não trinam, plam tristemente! as flores que out'ora quando tu passavas pareciam sorrir, hoje pendem tristemente suas corollas para a terra! o sol já não tem o mesmo brilho; o céu o seu manto azulado; as estrellas já não são tão bellas! e a brisa já não traz o aroma das flores... tudo para mim mudou, nada mais ri, nada mais canta... nada me alega como quando vivias ao meu lado!.. a vida, para mim, é uma montanha escabrosa, cheia de impicilhos, ao cimo da qual, espero encontrar a morte, que porá fim á tantos sofrimentos; é só esta idéa que me consola, que me dá coragem para escarpá essa montanha, na esperança de encontrar muito breve a morte! mas ella tarda! já me enfadonha... oh! com que prazer a receberia! Oh! morte... vem... vem buscar-me transporta-me onde está Cleophas!... desce do cimo dessa montanha e vem encontrar-me; corta com teu alfange o fio que me prende a esta vida!... não me ouves? desprezas as minhas supplicas? Qual a tua missão? não é ceifar a vida aos desgraçados como eu? então que fazes? zombas das minhas desgraças?»

E o pobre mancebo parecia um doudo, desgrenhava os cabellos e tinha as feições transtornadas; depois com mais energia proseguiu: «Sim Cleophas... já irei ter contigo! oh! que ventura; quero beijarte!.. quero ter-te em meu regaço, como out'ora; nunca mais de ti me separarei... mas a noite caminha tão lenta! quero te ver logo Cleophas de minh'alma...»

E as lagrimas brilhavam ao clarão do luar nas faces daquele mancebo, e iam humedecer a lago da esposa amada! beijava o frio marmore, e abaçava-se a oile; chamava pela esposa... mas ninguem parecia ouvir: suas palavras e soluços evoluavam-se pelo lugubre ambiente, sem uma unica resposta; depois continuou: «Cleophas, esposa amada, companheira fiel de meus dias; já não esperarei pela morte; farei forças e irei ao seu encontro! já não posso esperar!.. oh!.. até já... até já minha Cleophas!..»

Um tiro partiu; repercutindo pelo ambiente; e o baque surdo daquella cabeça, fez echo na sepultura amada!

Tudo tinha terminado!.. A lua pouco a pouco foi occultando-se por traz dos cyprestes, as estrellas uma á uma deixaram de scintillar, e o dia vinha surgindo...

Quando de todo, o dia despontou, foram encontrar o corpo inanime do desgraçado mancebo, sobre a pedra que formava o tumulo da esposa amada! tinha os labios sobre o marmore, como que enviando-lhe o ultimo beijo desta terra onde tão feliz viveu, ao lado da esposa idolatrada!

Paulicéa, —26—10—911.

OLINDA BONILHA

Secção Charadistica

Charadas

1.a) Quando a condição transparece no esto, forma bom alicerce —1—2 (8 pts.)

L. G. T.

2.a) Assim faz o corderinho Que no campo se apascenta,

Colhendo as verdes selvas,
Que com ella se alimenta.
Sou preterito de um verbo,
Por todos mui conhecido,
E na primeira conjugação,
Eu tambem sou incluído.
Na palavra feiticieiros,
Uma syllaba acharás,
Que unida ás primeiras,
Um varão encontrarás. (20 pts.) 1-1-1

C. A. J. r

3.a) O perverso na solidão, comprehendeu o epitaphio escripto n'esta pedra—1—1—2 (10 pontos)

C. A. J. r

4.a) Assim fiz para conhecer,
Que faz parte das nevroses,
E em mim encontrarás,
Um amigo dos melhores. (15 pts.)—1—1

5.a) Toca na musica uma reunião de sacerdotes—2—1 (10 pontos)

C. A. J. r

6.a) As avessas sou de uma nota musical; as avessas sou de uma conjunção; as avessas sou de dor voz expressiva. (Nome de mulher)—1—1—2 (10 pontos)

7.a) Quando a parte diaria,
E' torrente de lagrimas,
Nos collegios se encontra
E até mesmo em varias casas. (8 pontos)—2—2

L. G. T.

8.a) No principio de Balduino, duas vezes a contração tornou-se mulher.—1—1—1 (4 pontos)

C. A. J. r

9.a) Caminha com pressa, e quando chegardes bem longe, vereis invertido, porque na mão com elle estais—2—1 (9 pts)

L. G. T.

10.a) Do linho aparte grosseira—3
No campo ves a pastar—2
Uma ave bem conhecida,
E que apparece no mar. (6 pontos)

G. V.

Repostas do numero 7

São as seguintes: 1.a R: Nadar; 2.a R: Cecilia; 3.a R: Mafamede; 4.a R: Villa;

5.a R: Campo; 6.a R: Dulcina; 7.a R: Irmão; 8.a R: Biscouto; 9.a R: Aviso; 10.a R: Republica.

Enviaram nos soluções do numero passado, as seguintes pessoas:
Senhorita *Laura de Andrade* (1.a 3.a, 4.a, 5.a, 6.a, 7.a, 8.a 9.a, e 10.a), que obteve 85 pontos; senhorita *Faulina de Andrade* (1.a, 3.a, 4.a, 5.a, 6.a, 7.a, 8.a, 9.a, e 10.a) que obteve 85 pontos; senhorita *M. Lurdes Albuquerque* (1.a, 4.a, 5.a, 6.a, 8.a, 9.a, e 10.a) que obteve 65 pontos; senhorita *Castorina Querido* (1.a, 2.a, 3.a, 4.a, 5.a, 6.a, 7.a, 8.a, 9.a, e 10.a) que obteve 100 pontos.

Posta-Restante

Sr. Sancho.—Eis uma receita que o amigo deve seguir para fazer «trabalhos doces»: Pensa se uns quinze minutos, poe-se na massa da inspiração que teve, algumas grammas de bom senso (esta mistura deve ser superior em quantidade, á todas as outras), bate-se bem na cachola, (nã) mistura se tudo, e depois o tudo vai ao forno *bem fresco*, de um papel limpo, para nos ser mandado com um sello de 100 reis, e não de 20 reis só, como nos mandou obrigando nos assim a pagar uma multa...

Siga esta receita, e o doce sairá bom, si o amigo já tiver alguma noção de doceiro; do contrario é inutil

Sr. Rosa Rodrigues.—Veja quanta asneira no soneto:

«Ella sonhava inda muito,
O sol já a terra bnhava,
«E' na escuridão da noite
«Sosinha á sonhar ainda estava;

Quem está sonhando, é o amigo «Rosa», e que sonho damnado! Elle não se acorda, nem com o pulo que deu a ultima perna do seu soneto...

Essas quatro linhas foram algum dia um soneto, homem de Deus?..

Sr. Dolivaes Pinto. Diz o camarada:

«Eras na vida a pomba predilecta, que sobre um mar de angustias conduzia, o ramo da esperança... etc

Dizemos nós:

«E na copia, o collador descarado, que sobre um leito de lolros (a custa de Fagundes Varella) quer repousar.. etc.

Está enganado; todo o menino de collegio conhece a Anthologia Nacional...

Um her... (S. Paulo).

Não acceitamos caricaturas, mormente sendo ellas de *coisas politicas*. Está bem feita é verdade, mas aquelle *Dr...* Creia senhor... *mista* que as vezes, pulam-se algumas palavras, mas tambem, não raras vezes, põem-se outras a mais, como o amigo deve saber por experiencia propria, isto não passa de um *bico* muito fino...

Sr. Geronymo Souza (Rio Claro).—Seu trabalho vai ser lido e... depois continuaremos; tudo deve ser feito com vagar.

Zé Caipora.—Deixe de tollices, para se escrever uma «carta de calpira», é preciso ter um pouco de espirito. Não pense que todos os sertanejos são tão ignorantes assim, isso é muito feio... Elles possuem tambem seus bellos canticos, que acompanham com o violão amigo, cheio de tradições saudosas capazes de fazer brotar a saudade nos duros corações, e a lagrima nos olhos dos que só choraram durante sua infancia.

Jozeque

Por motivos aliás justos, fomos obrigados a publicar o «Ideal» um pouco antes do prazo marcado.

A DIRECTORIA.

Paixões e mau humor

Devemos reconhecer que a felicidade não é uma recompensa, mas sim um triumpho que alcançam os que sabem vencer suas paixões.

Um escriptor disse que «as paixões se desenvolvem no homem na razão inversa da sciencia»; o que quer dizer que ellas são proporcionaes ao espirito de cada um, e quanto mais culto for o espirito de cada um, tanto maior será a comprehensão que elle tem dos objectos; suas sensações serão tambem maiores. Convem muito que os paes comprehendam a necessidade de ensinarem a seus filhos a formar idéa clara das cousas; porque assim elles ficarão isentos das paixões que não são senão o effeito da confusão e da duvida do espirito. Por isso é que uma paixão se modifica e vem-se transformar em uma virtude, no mesmo espirito d'aquelle que a gerou.

A formação de idéas claras é o mais salutar principio de felicidade, é filho da reflexão e convem que os paes ensinem desde cedo a seus filhos, repetindo sempre a elles esta verdade: *toda a paixão é uma idéa confusa*.

Pode-se dizer que a paixão é um filho bastardo que a imaginação cria no espirito dos homens fracos, ella serve para dar todas as apparencias do homem forte, não d'estes varões de que nos falla a Biblia, mas do homem conhecido pelo alcunha—*valentão*.

Não preciso encarecer os males que nós causamos á nos mesmos, á familia, e á educação de nossos filhos, se em vez da calma e da placidez da alma estivermos mergulhados na tristeza e no mau humor. E' util que saibam os paes que o modo de adquirir pela força de vontade o bem estar, é tambem o caminho da vida longa.

Seja o homem pusillanime, comece a mostrar a seus filhos que é perigoso andar á noite, que ha espectros em tal sitio, que não ande só, porque pode apparecer um assassino, e verá que filho este pae dará a sociedade.

Pode-se dizer que o coração de cada individuo é proporcional a seu espirito: isto é um eleva-se tanto como o outro.

Dáhi provem a necessidade de educal-os; e nem se diga que para os pobres é isto impossivel, porque estando os paes e mães preoccupados no trabalho que lhes ha de garantir o pão quotidiano, os filhos não tem quem os instrua. Si as paixões como os instinctos são herdados e dão as predisposições de que muitos se preoccupam, porque provindo dos paes, são por assim dizer transmittidos no sangue dos filhos; não é isto uma razão para que os instinctos e as paixões constituão uma inevitavel necessidade, por quanto, se pelo nosso corpo nos assemelhamos aos animaes, pela nossa alma, que faz de nós homens livres e independentes, nós podemos reagir sobre os instinctos, corrigil-os moderal-os, e fazer como vimos, brotar a

virtude no terreno em que já havia nascido o instincto.

As paixões tem movimentos bruscos, e intermittencias, os affectos são continuos e sempre os mesmos.

As paixões são capazes de exaltar até a loucura e decahir até na mais desprezível indifferença; os affectos se exaltão pouco, mas não se enfraquecem facilmente.

As primeiras se enfraquecem pelo gozo, lhes é preciso incessantemente novos assumptos; os segundos se enraizam e se aprofundam pelo habito; elles se concentram cada vez mais sobre o mesmo assumpto.

Digamos emfim que as paixões são affectos violentos levados ao extremo, mais cuidadosos de seu proprio prazer do que da felicidade d'outrem, e que os affectos são paixões doces e regulares que nos ligam aos outros mais do que a nós mesmos e nos fazem esquecer o prazer de viver pelo prazer de amar. Os homens de bem seriam indignos, de si mesmos, se mais do que as conveniencias proprias, não prezassem a honra e a virtude; entretanto conheço muitos individuos que não tendo o espirito assaz culto para a comprehensão das idéas, deixam-se arrastar pelas mundanas paixões e são tidos nos lugares pequenos por modellos de homens de bem. Esta inversão da ordem natural terá de ser destruida no futuro pelas luzes e instrucção do povo. Assim nós vemos paixões mesquinhas e vorazes, como o fogo e a avareza; paixões brutaeas e baixas como a gula e appetite dos sentidos; servis como a adulação e o amor ao ganho; feroces como o odio, a vingança e inveja. Enumerar as mais paixões é mostrar a sua hediondez, ellas são um veneno que uma vez, inoculado no sangue, abatem e desvirtuam os mais fortes homens, e contra ellas a energia e a força de vontade são remedios especificos.

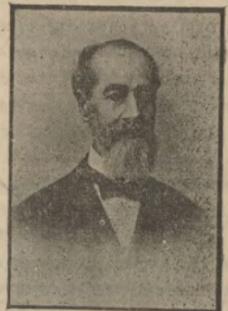
A caridade e a sociabilidade são dois meios que não falham, quando postos em pratica, pelos homens de energia; elles não só triumpham contra as paixões, mas deixam um sentimento de gloriosa conquista d'alma contra o corpo, e esta conquista de nosso proprio esforço é um estimulo vivificador que nos ensina a dar a nossas palavras e actos um cunho de coragem com o qual se distinguem os homens de bem.

Diz o evangelho:
Quanto diutius ad re sistendum quis torpuerit, tanto in se quotidie debilitor fit et hostis contra eum potentior. A vontade será tanto mais fraca, quanto mais se for adiando a resistencia, e o inimigo ficará mais forte.

J. N. FILHO

Annuncios

I. A. TERRA



Fundador e director do Curso de Santa Cecilia do Rio de Janeiro.

Professor de piano canto, solfejo, flauta e violino
Aulas nas segundas e quintas feiras, das 7 ás 3 da tarde

As mensalidades serão pagas no acto da matricula. 25\$

Rua Barão de Tatuhy, 132

(em frente ao Coraçã de Maria)

— S. PAULO —

Trabalhos Manuaes

Aulas de bordados (a branco e a seda) e de flores

As lições serão dadas 2 vezes por semana.—Preços: Flores, 10\$000; bordados, 10\$000. A mensalidade deve ser paga adeantadamente.

Queiram as pessoas interessadas enviar cartas á professora, a esta redacção.